



## **PERCEPÇÃO DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS GERADOS PELO TURISMO**

### **NA VILA DE PARICATUBA (IRANDUBA-AM)**

#### **Social perception of environmental conflicts generated by the village of tourism**

#### **Paricatuba (Iranduba-am)**

**Susy Rodrigues Simonetti<sup>1</sup>**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia –  
PPGCASA/UFAM  
Professora do Curso de Turismo  
E-mail: [susysimonetti@hotmail.com](mailto:susysimonetti@hotmail.com)

**Glaubécia Teixeira da Silva**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia –  
PPGCASA/UFAM  
E-mail: [glaubecia@hotmail.com](mailto:glaubecia@hotmail.com)

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia PPGCASA da Universidade Federal do Amazonas - UFAM; aluna do curso de doutorado do PPGCASA.

Endereço: Rua Leonardo Malcher, 1728 – Centro – CEP: 69010160 - Manaus, AM – Brasil.

## RESUMO

O presente artigo buscou diagnosticar a percepção dos moradores da Vila de Paricatuba, localizada no interior do Estado do Amazonas, sobre os conflitos socioambientais gerados pelo turismo. A abordagem utilizada foi a qualitativa e o estudo de caso foi adotado como procedimento técnico, seguindo-se as orientações filosóficas que têm por base a fenomenologia. Utilizou-se ainda a técnica do grupo focal, entrevistando alguns sujeitos para compor os resultados da pesquisa. A cadeia produtiva do turismo mostrou-se excludente, pois não há uma inserção significativa dos moradores nos processos de planejamento e gestão do turismo e, considerando que o desenvolvimento do turismo sustentável requer o envolvimento dos diversos atores públicos e privados, principalmente dos moradores, o modelo observado mostrou-se limitado à uma visão econômica desconectada da abordagem ecológica e social.

**Palavras-chave:** turismo, percepção, percepção ambiental, Paricatuba.

## ABSTRACT

The present paper aims at diagnosing the perception the Village of Paricatuba's residents located in the State of Amazonas on environmental conflicts generated by tourism. The approach used was qualitative and case study was adopted as a technical procedure, also followed the guidelines that are based on philosophical phenomenology. Another technique used was focus groups, interviewing some people to make the search results. The supply chain of tourism proved to be exclusive, there isn't a significant inclusion of residents in planning and management of tourism and, considering that the sustainable tourism development requires the involvement of various public and private actors, especially the residents, the observed model proved to be limited to an economic vision, and disconnected from social ecological approach.

**Keywords:** tourism, perception, environmental perception, Paricatuba.

## 1. INTRODUÇÃO

A temática ambiental se configurou, nacional e internacionalmente, como uma questão pública, com uma diversidade de olhares e dimensões. Esta visão também reflete o turismo que vem sendo praticado em diversos destinos, especialmente em países emergentes como o Brasil. Até mesmo as pequenas comunidades passam a conviver com inúmeros conflitos socioambientais gerados pelo turismo.

Esta prática social inventada promove ao mesmo tempo acúmulo de riqueza e exclusão social, daí o seu duplo papel, altamente contraditório, que precisa ser melhor entendido. A relação sócio-espacial que enseja é de natureza dialética, uma vez que há promoção de uma comunicação ativa com o mundo, lugares e paisagens do território e também com outros indivíduos, possibilitando a transformação da natureza, mas também do próprio turismo.

As visitas em comunidades na Amazônia são bastante comuns, nem mesmo as menores deixaram de ser visitadas por turistas ávidos por conhecer a cultura, o ambiente natural, o saber-fazer dessas populações. Nesse sentido, a Amazônia oferece inúmeras oportunidades de conhecimento aos seus visitantes e, dentre essas várias comunidades está a Vila do Paricatuba, possuidora de ruínas históricas que passaram de hospedaria à hospital.

As ruínas ocasionaram constantes mudanças na base econômica local, a qual manteve-se instável por muitos anos, e atualmente recebem um intenso fluxo de visitantes, ainda que não haja registro oficial a esse respeito. Com base no exposto, pergunta-se: como os moradores percebem os visitantes em seu espaço? Como se dá o envolvimento dos moradores com o turismo? Este estudo visa apresentar um diagnóstico da percepção de moradores da Vila de Paricatuba, localizada no município de Iranduba, interior do Estado do Amazonas, dos conflitos socioambientais em seu espaço e entender como tais conflitos estão relacionados com o turismo.

## 2. PERCEPÇÃO E TURISMO

Os estudos sobre percepção ambiental vêm ganhando espaço nas discussões das ciências sociais que se dedicam à assuntos do ambiente, natural ou construído, seja na forma de percepção, crença ou atitude dos indivíduos, com foco na relação pessoa-ambiente. A percepção ambiental está correlacionada à funcionalidade dos sentidos, portanto, cada

indivíduo é estimulado por sua cultura, educação, religião, preferências, história, situação econômica etc a agir de acordo com o ambiente em que está inserido.

Os seres humanos estão constantemente recebendo estímulos do ambiente e não há ambiente físico destituído das dimensões social, cultural, espiritual, política etc. O ambiente opera de forma implícita no comportamento dos indivíduos e organiza-se como um conjunto de imagens mentais, que ora gera sentimentos positivos, ora negativos. A percepção que se tem do ambiente é fundamental para se apreender a realidade ambiental e permitir que possamos estabelecer relações simbólicas.

Para Merleau-Ponty (2006, p.47), filósofo e líder do pensamento fenomenológico na França,

perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível [...] Perceber não é recordar-se.

Ao citarem este teórico, Kuhnen e Higuchi (2011, p. 253) consideram que “a percepção humana se constrói, portanto, a partir de um compromisso ético, ativo com o mundo, e não como uma contemplação”. As mesmas autoras garantem que ao se conhecer como os indivíduos percebem, experienciam e valoram o ambiente em que estão inseridos, é possível planejar melhor e atender as demandas sociais por meio das políticas públicas. No entanto, entende-se que esta vertente é pouco considerada, isso significa que “as pessoas que desenvolvem as políticas normalmente se interessam em regular, proteger ou mudar o ambiente físico [...]” (Evans, 2005, p.47), ou seja, lidam, manipulam o ambiente físico, objetivo, mantendo um fraco diálogo com as subjetividades.

Na visão de Tuan (1980), o ser humano é capaz de perceber o mundo por meio de seus sentidos e como a quantidade de informações que recebe é muito grande, ele utiliza apenas uma pequena parte do poder, que já nasce consigo, para experienciar. Para o mesmo estudioso “a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo (1980, p. 14)”. É possível inferir que os estudos sobre percepção se tornam mais complexos na medida em que estamos lidando com diferentes subjetividades e as diversas dimensões dessa percepção nos farão compreender melhor os indivíduos e sua relação com o ambiente.

A partir da década de 60 os estudos sobre percepção são complementados com o termo ambiental, ou seja, dois substantivos que representam o modo como um indivíduo vivencia os aspectos ambientais na relação com o entorno, sejam eles físicos, psicossociais, socioculturais ou históricos. Como várias áreas do conhecimento, o turismo - neste trabalho tomado como

sinônimo dos termos prática social e fenômeno socioeconômico - também passou a ser influenciado e estudado a partir desta perspectiva: a percepção.

Por se tratar de uma atividade dinâmica e de dimensões espaciais abrangentes, o turismo pode acontecer nos lugares mais longínquos do planeta, isso é fato. Este fenômeno socioeconômico adquiriu importância na economia global superando ou concorrendo com vários outros segmentos econômicos.

Leff (2010) observa que a economia do lazer passou a ocupar um lugar significativo na economia mundial, isso se deve a vários fatores, dentre eles o aumento do tempo livre, mais direitos adquiridos pelos trabalhadores no que se refere ao descanso e ao lazer, maior longevidade dos indivíduos aproveitando suas aposentadorias, sem contar que o gasto dos indivíduos de maior poder aquisitivo com entretenimento gerou uma demanda por serviços turísticos. “O campo, a floresta, o ar puro, a brisa marinha, os museus, a boa música e o exotismo de culturas tradicionais adquirem valor econômico diante da saturação e do tédio da vida cotidiana”. (p.147).

Para Boyer (2003), o turismo foi inventado, ele se realiza em outro local que não o de moradia do indivíduo e não visa à satisfação de suas necessidades vitais: ele é um “produto da evolução sociocultural” (p. 16) [...] da sociedade industrial. “A invenção dos lugares e das práticas do turismo, ainda elitista, é a soma de histórias singulares” (Boyer, 2003, p.40), pois “a história do turismo é inteligível somente no longo prazo e em uma perspectiva sociocultural” (p.96).

Na atualidade, o turismo pode ser entendido como um fenômeno socioeconômico. Cammarata (2006) considera este mesmo fenômeno como a mercantilização do tempo livre, pois as transformações constantes que vem sofrendo são influenciadas pelo mercado, altamente competitivo, pela demanda, entre outros agentes. De acordo ainda com o mesmo estudioso, esta prática social é de natureza dialética posto que a relação ativa com o mundo, lugares e paisagens do território e também com outros indivíduos possibilita a transformação da natureza, mas também do próprio fenômeno, gerando múltiplas inter-relações.

Este esclarecimento é muito importante, pois permite afirmar que dessa forma o turismo pode acontecer nos mais diversos lugares do planeta, ele mudou nossa percepção sobre os oceanos, as montanhas, o ambiente rural e muitos outros espaços. Ele se apropria de espaços, territórios e lugares.

Na maioria das vezes o turismo é conduzido apenas em função dos benefícios econômicos, e então paisagem, ambiente, identidade local, todos podem sofrer danos irreversíveis, pois ele não respeita fronteiras ou limites territoriais. O território turístico

assume este sentido de multiterritorialidade, construindo, reconstruindo, transformando os territórios por onde passa, e muitas vezes se estabelecendo de forma predatória no que diz respeito ao ambiente natural.

No campo dos conflitos ambientais é possível corroborar com o pensamento de Acsehrad (2004) que o tema meio ambiente se dá mediante uma visão limitada do paradigma evolucionista ou ainda por uma abordagem econômica, o que de fato também acontece com o turismo, que se utiliza do ambiente natural para efetivar suas atividades. Mas também é possível oferecer a visão que afirma que “a reapropriação do mundo não se pode resolver dentro da lógica unitária do mercado ou dos códigos jurídicos do direito privado” (p.18). Esta abordagem aponta para a economia-ecológica, aquela que vê a atividade econômica como um sistema aberto dentro de um ecossistema, ou seja, a atividade econômica como dependente dos ciclos ecológicos.

Acsehrad (2004) destaca dois tipos de espaço: o da distribuição de poder e o das representações. No primeiro, se confrontam diferentes tipos de capital (material) – acesso a terra fértil, a fontes de água, aos recursos vivos, aos locais que oferecem alguma vantagem para os sujeitos sociais -, lutas econômicas, sociais e políticas. No segundo espaço se “confrontam as representações, valores, esquemas de percepção e ideias que organizam as visões de mundo e legitimam os modos de distribuição de poder verificados no primeiro espaço” (p. 23), isso significa que se destacam categorias de percepção e julgamento do território e de seus recursos ambientais por parte dos sujeitos sociais, o que oferece condições desiguais de poder, são lutas simbólicas.

O avassalador fenômeno turístico das últimas décadas acabou por expropriar diversos sujeitos de áreas ocupadas há gerações dando lugar a grandes hotéis de luxo, *resorts* e outros equipamentos turísticos. As cidades, vilas e comunidades sofreram transformações espaciais - que nem sempre são negativas, pois ensejam renovação - para receberem as demandas de turistas, tudo em nome dos interesses de empresários, agentes imobiliários e até mesmo dos governos locais e regionais, muitas vezes incentivadores da atividade sem de fato oferecerem condições para que ela ocorra.

O que não se pode negar é que a participação da comunidade no processo de desenvolvimento do turismo é extremamente desejável e que ela deve se beneficiar para que a atividade seja viável e sustentável ao longo do tempo, ainda que encontre condições desfavoráveis (Salazar, 2012; Tosun 1999). Nessa imbricada relação está a Vila de Paricatuba, que recebe visitantes de diferentes localidades e percebe inúmeras alterações em seu

cotidiano, bem como está permeada de conflitos socioambientais gerados justamente por esta atividade.

### 3. METODOLOGIA

O desenvolvimento de um trabalho de investigação científica revela o caminho que dará suporte ao entendimento da realidade social, isto é, o caminho que o pesquisador trilha para concretizar os seus objetivos. Deste modo, para a realização deste estudo buscou-se articular conteúdos, pensamentos, conhecimentos, constituir argumentos, explicações e interpretações dos fenômenos da realidade.

O processo de construção do trabalho iniciou com a estruturação das categorias analítico-explicativas e operacionais e o aprofundamento teórico das mesmas, pois a pesquisa bibliográfica permitiu um grau de amplitude maior, economia de tempo e o levantamento de dados históricos (Dencker, 1998). Procedeu-se também à pesquisa de campo, que foi resultado de um trabalho de dissertação e agora é parte de um estudo de doutorado.

A pesquisa de campo, realizada com 19 sujeitos, possibilitou diagnosticar a percepção dos conflitos socioambientais e a relação destes conflitos com o turismo, sendo moradores jovens (entre 18 e 25 anos) e moradores adultos. Foram considerados sujeitos aqueles mais antigos na Vila (entre 41 a 65 anos), utilizando-se a técnica do grupo focal, constituído por indivíduos jovens e adultos, selecionados por pertencerem a um grupo social comum, representarem uma liderança local e por seus interesses e envolvimento com o turismo.

O estudo em questão, em termos teórico-metodológicos, configurou-se como um estudo de caso, ele “é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos”. (Yin, 2001 apud Gil, 2002, p. 54). O propósito de utilizar este procedimento técnico não foi o de proporcionar o conhecimento preciso do que se pretendia estudar, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são influenciados por ele (Gil, 2002).

As orientações filosóficas que norteiam este estudo têm por base a fenomenologia, que é o estudo das essências, um relato do espaço, do tempo e do mundo experienciados (Merleau-Ponty, 2006). A pesquisa fenomenológica deve “ser o desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações” (Chizzotti, 2000, p.82), portanto, os “estudos fenomenológicos buscam apreender a forma como as pessoas sentem, pensam e (inter)agem em seus ambientes naturais” (Figueiredo, 2008, p.38).

As orientações filosóficas deste estudo apontam para uma pesquisa em que a realidade é dinâmica e não se sustenta em uma lógica linear, uma vez que tanto o passado quanto o futuro estão presentes nas experiências dos indivíduos. Assim, todos os processos não estão separados de sua realidade social, histórica, política, cultural e outras, os dados estão à espera de análises, seja a fala dos sujeitos, desenhos, palavras, sons, tudo pode ser interpretado.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A localidade de Paricatuba, também conhecida como Vila de Paricatuba localiza-se no município de Iranduba, na margem direita do Rio Negro, a 50 km da cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas. Suas coordenadas geográficas são 3° 04'50.2" de latitude Sul e 60° 13'59.1" de longitude a Oeste de Greenwich. O acesso é feito por via terrestre pela AM-070, estrada Manoel Urbano, por cerca de 1 hora e 20 minutos e também por via fluvial, 30 minutos em lancha rápida saindo de Manaus.

Paricatuba faz parte de duas Áreas de Proteção Ambiental a APA Margem Direita do Rio Negro: Setor Paduari-Solimões, instituída pelo governo do Estado pelo decreto 16.498 de 1995, e a APA Encontro das Águas criada em 2001 pela Secretaria de Turismo e Meio Ambiente por meio da Lei Orgânica do Município, pela qual a localidade foi considerada como área de Preservação Histórica e Ambiental, devido às suas ruínas históricas (Figura 1).

A história e o surgimento da Vila de Paricatuba iniciou em 1898 com a construção de uma hospedaria para imigrantes italianos. Em 1900, funcionou como escola profissionalizante e, posteriormente, o prédio foi reformado e se transformou na primeira escola técnica do Amazonas, o Liceu de Artes e Ofícios que, após ser desativado, passou a ser Casa de Detenção. Em 1930 construiu-se no local o hospital Belisário Penna, destinado ao isolamento dos pacientes portadores de hanseníase, doença que afetou parte da população do Estado em 1922. O prédio foi mantido em condições de controlar a doença até 1962, quando o hospital foi desativado e, segundo os relatórios da Secretaria de Profilaxia Rural do Amazonas, foi parcialmente destruído para que ninguém fizesse utilização de suas instalações, visto que a sua existência tornou-se uma ameaça à saúde pública.

Em 1970, instalou-se em Paricatuba a Missão Pistóia, da Igreja Católica, formada por missionários italianos liderados pelo Padre Humberto Guidotti que reconstruiu parte do prédio de Paricatuba e equipamentos comunitários, proporcionando a estruturação da vila com o apoio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA que cedeu as terras

ao Centro Social. Dessa forma, muitos ex-pacientes e também novos moradores passaram a constituir a Vila de Paricatuba, em 1990.

Durante muitos anos os moradores de Paricatuba viveram as agruras do abandono e do esquecimento, as diversas finalidades a que se destinaram as edificações que hoje são ruínas ocasionaram constantes mudanças na base econômica local que se manteve instável por muitos anos. Por outro lado, a dependência da ajuda governamental constituiu-se em uma característica daquela localidade.

A economia local é baseada nas atividades de agricultura, pesca, caça, criação de animais, extração de recursos florestais (madeira, açaí, bacaba e pataúá), comércio, serviços e atividades do serviço público. Os moradores apresentam também habilidades para desenvolver atividades de entalhe em madeira, fabricação de vassouras, artesanatos diversos, arte com bonecos mamulengos. Além de terem recebido capacitação em cursos de bombeiro hidráulico, eletricitista, condutores de grupos, culinária regional, turismo receptivo e qualidade no atendimento.

Após a construção da estrada que dá acesso à comunidade na década de 1990, o turismo passou a fazer parte do cotidiano dos moradores, isso se deu principalmente pelas belezas naturais, em particular as praias e as ruínas do antigo hospital. Percebe-se que os moradores de Paricatuba valorizam suas paisagens e todos se orgulham de manterem a área com baixo nível de degradação. As percepções convergem para a necessidade dos moradores conservarem o ambiente natural e reconhecerem serem eles próprios responsáveis pela degradação ou proteção da natureza.

Os benefícios proporcionados pela conservação do espaço natural são expressos pelas experiências vivenciadas pelos moradores como sentir o ar puro e o clima mais ameno que na cidade. A manifestação da natureza, com seus sons e paisagens, torna-se um rico patrimônio dos moradores, talvez ainda não claramente identificado, mas, denunciado através dos semblantes de contentamento dos moradores que retrataram o orgulho de viver naquele local.

Os moradores entendem que a localidade também possui um valor econômico. Essa valorização se dá de acordo com a utilidade dos espaços. A distribuição dos serviços públicos é mais regular onde existe um interesse turístico, assim como os investimentos dos projetos governamentais ou privados concentram-se na área do entorno do prédio em ruínas, o que a torna economicamente mais interessante. Os moradores também valorizam os elementos da natureza, pois é dela que muitos obtêm o seu sustento praticando atividades como a pesca, a extração da madeira e de recursos minerais, cultivo de produtos agrícolas, além do uso dos recursos como a água, a praia e a floresta para a prática do turismo.

Nas últimas décadas houve um aumento do número de projetos em Paricatuba que proporcionaram muitas melhorias para o local como os serviços de distribuição de luz elétrica, poço artesiano, reforma da escola, sede social, posto de correio, torre de telefonia móvel e a abertura da estrada ainda sem pavimentação que dá acesso a localidade. A construção de estruturas de serviços possibilitou o desenvolvimento de turismo, bem como a construção da Ponte Rio Negro facilitou o acesso à localidade.

A organização social é caracterizada pela presença de grupos institucionalizados, com destaque para aqueles ligados às atividades produtivas e às instituições religiosas. Todavia a falta de interação entre os moradores é colocada como um dos principais empecilhos para a efetiva participação dos moradores na cadeia produtiva do turismo. Além disso, ainda não há consenso entre os moradores e o poder público quanto às ações prioritárias que de fato podem atender às expectativas comuns com relação ao turismo, isso é percebido nos discursos que identificam as atitudes e o senso de responsabilidade dos diversos grupos.

As opiniões dos moradores sobre as práticas de turismo na localidade refletem sobre o papel do poder público e dos comunitários na elaboração de alternativas para o desenvolvimento local, havendo a necessidade de identificação dos benefícios que poderão ocorrer com o turismo no local e dos possíveis prejuízos para a localidade. Observando-se a reação dos entrevistados diante dos principais problemas enfrentados na localidade foi possível inferir atitudes predominantes nos discursos: as expectativas, a responsabilidade e a indiferença diante dos problemas locais.

Na Vila de Paricatuba há uma diversidade de projetos em andamento, a maioria está voltada para a qualificação profissional, parte deles é de responsabilidade do poder público municipal e estadual. O interesse pelos investimentos nos mais variados segmentos são direcionados pela lógica capitalista, gerando poucos benefícios sociais, como é o caso do porto que atualmente está em condições precárias, não foi concretizado porque depende da vontade política, segundo os moradores “as coisas em Paricatuba só funcionam na base da política”, ou seja, durante o período eleitoral.

A construção da ponte que liga Manaus ao município de Iranduba, inaugurada em outubro de 2011, era uma obra que fazia parte da expansão da região metropolitana da capital amazonense e trouxe muitas expectativas aos moradores. Cerca de 58% dos entrevistados, acreditava que a ponte seria uma “coisa boa”, que traria benefícios como a melhoria das vias de acesso e transporte. Além do potencial gerador de melhorias na infraestrutura básica de Paricatuba, a construção da ponte traria a possibilidade de facilitar o acesso dos turistas, pois, com a melhoria das vias de acesso as empresas de transporte poderiam expandir suas rotas,

inclusive os pacotes poderiam incluir o deslocamento por via terrestre, o que anteriormente se restringia ao uso de barcos. Entretanto, os demais moradores temiam o aumento dos problemas sociais como a violência, a marginalidade e as ocupações irregulares, sendo esta última uma preocupação maior pelo fato de muitos moradores não possuírem o título de propriedade dos seus terrenos.

Por outro lado, havia a percepção que a ponte estimularia o turismo de massa que ameaçaria o desenvolvimento do turismo, com ela haveria ampliação dos riscos de especulação imobiliária e desmatamento, principalmente nas orlas do rio e igarapés, prejudicando seriamente o potencial ecoturístico e cultural da localidade. Esta percepção sugere não apenas a invasão do espaço físico, mas a interferência na estrutura social, mudanças nas relações dos moradores com o meio ambiente e alterações dos valores espaciais percebidos anteriormente.

A carência de postos de trabalho ou emprego leva os moradores à ações inconsequentes sem o devido questionamento sobre o teor dos projetos e os custos sociais. O estímulo dado ao turismo também tem seu viés contraditório, ao mesmo tempo em que significa oportunidade de geração de renda para os moradores, a cadeia produtiva sofre interferências graves quando os pacotes são criados e comercializados por agências de viagens e hotéis de Manaus sem o envolvimento dos moradores no processo, tornando-se extremamente prejudicial. Os benefícios além de serem poucos visíveis, concentram-se numa pequena parte da população, além do surgimento de problemas sociais como o aumento do consumo de bebidas alcoólicas e prostituição infantil para os quais não existem ações de prevenção e combate. Os moradores acreditam que isso acontece porque os visitantes não encontram impedimentos para estas práticas, sendo assim, os custos sociais são muitos maiores que os benefícios gerados.

A percepção dos entrevistados é que o turismo pode ser uma atividade positiva à medida que gera renda, principalmente com o surgimento das praias na vazante do rio Negro, entretanto, como o envolvimento comunitário é esporádico e obedece aos interesses políticos, as expectativas diminuem na medida em que os moradores se distanciam da sua gestão e do usufruto dos benefícios que a atividade pode gerar.

Um discurso comum entre todos os moradores entrevistados é que o turismo não traz empregos, nesse sentido a concepção de emprego está vinculada à existência da estrutura física de uma empresa que contrata mão-de-obra local e garante certa estabilidade. Os moradores não identificam o turismo como fonte de emprego, entre os entrevistados apenas 26% estavam envolvidos com o comércio de alimentos e bebidas nos períodos de maior

movimento na praia. A grande preocupação entre os adultos em relação ao turismo é o fato de não terem perspectivas de geração de postos de trabalho para os jovens, o retorno econômico do turismo é baixo porque não há meios para se qualificar melhor e atender os grupos.

O turismo de massa foi considerado pelos moradores como prejudicial, visto que a praia fica lotada de pessoas que, geralmente, não estão dispostas a gastar muito, trazem seu próprio alimento e bebida. Além disso, o turismo em Paricatuba ocasiona degradação ambiental principalmente com o acúmulo de grande quantidade de lixo que os moradores são obrigados a recolher a cada semana, esse fato é motivo de muita indignação por parte dos moradores que se sentem invadidos e excluídos.

As atitudes perante os problemas coletivos geralmente estão associadas ao exercício da cidadania. O cidadão é aquele que ultrapassa a condição de simples usuário para assumir um posto no processo decisório e dar rumo às ações de interesse público. A solução dos problemas socioambientais ou políticos perpassa pela participação social crescente e sistemática, incluindo a visão ampla dos vários interesses envolvidos. Todavia, defender os interesses coletivos não é uma tarefa fácil, geralmente, lança-se para o poder público a responsabilidade de identificar a causa e a solução dos problemas que afligem a sociedade.

Os moradores atribuem a responsabilidade pela execução dos projetos somente ao poder público e excluindo de si próprios uma significativa parcela de responsabilidade em relação à solução dos problemas da localidade, apenas alguns dos entrevistados consideraram ser esta uma tarefa de todos, moradores e governo. O conhecimento dessa atitude dos moradores é importante uma vez que o processo de desenvolvimento do turismo de forma mais sustentável implica a participação social e na distribuição do poder no planejamento e gestão dos programas e projetos nas localidades turísticas, considerando a complexidade do ambiente juntamente às interações humanas.

O fato de não haver uma unanimidade entre os moradores quanto às suas responsabilidades como cidadãos demonstra que ainda é necessário desenvolver o conceito de cidadania, para que futuramente eles possam usufruir de maiores benefícios das ações públicas e possam criar e implementar ações de origem local e criar novas oportunidades de desenvolvimento.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao desvelar as percepções ambientais dos moradores, jovens e adultos, sobre o turismo na Vila de Paricatuba foi possível identificar valores específicos que estes atribuem

aos espaços que se traduzem em diversas dimensões: a valorização ecológica quando percebem a importância dos recursos naturais e a necessidade de sua manutenção; a valorização econômica dos espaços para sustentar as atividades como a pesca, a agricultura, o extrativismo vegetal e a prestação de serviços, com destaque para o turismo; e a valorização das paisagens, do patrimônio histórico-cultural e arquitetônico que se constituem recursos turísticos, possuindo um valor estético tanto para os moradores quanto para os visitantes. Além disso, possuem um valor social, pois determinados espaços são locais de convivência dos diversos grupos representando espaços de socialização e lazer para os moradores.

A conservação e a preservação ambiental são estimuladas pelas práticas sociais resultantes das interações entre moradores que dependem do turismo como fonte alternativa de renda. Entretanto, a intensa exploração dos recursos naturais pode levar à degradação destes recursos e estimular o turismo de massa. Essa possibilidade possui características ameaçadoras, uma vez que podem comprometer a sustentabilidade econômica com a distribuição desigual dos benefícios, sendo ainda mais devastador à estrutura social quando promove a mudança dos valores éticos e morais dos moradores, principalmente das crianças e adolescentes arrebatados pela exploração sexual disfarçada de turismo.

As percepções sobre o turismo dos dois grupos observados revelam, em determinados momentos, o interesse dos moradores de Paricatuba em desenvolver o turismo porque acreditam que podem obter benefícios relativos à melhoria da infraestrutura básica e maiores oportunidades de geração de emprego e renda. Além disso, o turismo resgata nos moradores um sentimento de orgulho com a valorização dos atrativos naturais e da cultura local, porém, a exclusão social no processo de desenvolvimento turístico é um fator limitante das oportunidades locais. A cadeia produtiva do turismo mostrou-se excludente, pois não há uma inserção significativa dos moradores nos processos de planejamento e gestão do turismo e, considerando que o desenvolvimento do turismo sustentável requer o envolvimento dos diversos atores públicos e privados, principalmente dos moradores, o modelo observado mostrou-se limitado à uma visão econômica desconectada da abordagem ecológica e social.

O processo de inclusão perpassa pelo amadurecimento dos indivíduos acerca das suas atitudes espaciais e o exercício da sua cidadania para gerar mudanças estruturais significativas. Como destacou Acsehrad (2004), a distribuição do poder configura-se em vantagem aos sujeitos e, ao mesmo tempo, atende os preceitos da sustentabilidade em que deve haver a maior organização e mobilização social no planejamento do turismo, sendo assim, é imprescindível a participação dos jovens. A existência da organização social

institucionalizada configura-se em um aspecto positivo, contudo a desarticulação das ações promove o enfraquecimento dos grupos constituídos.

Os moradores sentem a necessidade de serem valorizados pelo poder público e, principalmente, de serem inseridos no processo de tomada de decisão sobre as ações a serem implementadas no local, pois, dessa forma, criariam maiores oportunidades para solucionar o problema que mais os aflige: o desemprego. A pré-disposição para um maior envolvimento social mostra viabilidade da democratização do processo de gestão por meio de um plano de gestão participativa de acordo com o perfil social local. O estímulo do poder público ao envolvimento social nas discussões e decisões quanto aos diversos usos dos espaços, transformando-os para além de agentes de planejamento e gestão do turismo, mas, também os defensores e fiscais daquela área, visto que são os principais interessados na manutenção dos recursos naturais e culturais existentes em Paricatuba.

O processo histórico do surgimento de Paricatuba mostrou que a fonte de desenvolvimento econômico mudou ao longo do tempo, entretanto, isso não gerou riquezas para a localidade, apenas tendo constituído uma fonte de renda temporária. A atividade turística, assim como outras atividades econômicas, anda não proporcionou aos moradores da Vila de Paricatuba a autonomia econômica que lhes permitisse obter sustento ao longo prazo, enquanto promoveu a transformação do seu território sem, no entanto, atender aos pressupostos da sustentabilidade: desenvolvimento econômico, conservação ambiental e equidade social.

As transformações pelas quais a Vila de Paricatuba passou ao longo do tempo demonstram que a valorização dos espaços e os investimentos públicos estiveram atrelados a uma lógica capitalista, comprometendo as bases da sustentabilidade do turismo. Novos rumos poderão ser dados ao processo, se houver uma maior interação entre os diversos atores públicos e privados fortalecidos pelas relações sociais mais democráticas, permitindo uma organização socioeconômica e espacial que atenda às necessidades locais e seja condizente com a realidade ali observada, e não um *modelo* pré-estabelecido, alheio aos desejos dos moradores e que atenda apenas aos interesses externos.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. (Org.). As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. In: *Conflitos ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumara: Fundação Heinrich Boll, 2004.

BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CAMMARATA, Emilce Beatriz. *El turismo como práctica social y su papel en la apropiación y consolidación del territorio*. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/20cammar.pdf>>Diciembre 2006. Acesso em: 05 jan. 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.

DENCKER, Ada de F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 4.ed. São Paulo: Futura, 1998.

EVANS, G. A importância do ambiente físico. *Revista de Psicologia*. USP, 2005, 16(1/2), 47-52.

FIGUEIREDO, Nébia Maria A. de. (Org). *Método e metodologia na pesquisa científica*. 3. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4a. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUHNEN, A.; HIGUCHI, M.I.G. Percepção ambiental. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (orgs.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEFF, Enrique. *Discursos sustentáveis*. São Paulo: Cortez, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SALAZAR, Noel B. (2012): Community-based cultural tourism: issues, threats and opportunities. *Journal of Sustainable Tourism*, 20:1, 9-22.

TUAN. Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

TOSUN, Cevat. (1999). Towards a Typology of Community Participation in the Tourism Development Process. *Anatólia International Journal of Tourism and Hospitality Research*. Volume 10. Number 2, pp. 113-134. 1999